

# PASSADO – PRESENTE – FUTURO? A MANUTENÇÃO DA LÍNGUA HÚNGARA NO BRASIL

Timea Thomázy<sup>1</sup>

## RESUMO

O artigo objetiva apresentar a manutenção da língua húngara e a sua história no Brasil. Aplicou-se o pilar metodológico da vitalidade<sup>2</sup> dos grupos minoritários e seus fatores característicos, pressupondo extensas pesquisas bibliográficas, análise quantitativa e qualitativa através do questionário de vitalidade e entrevistas, tendo a seguinte hipótese: línguas minoritárias não prevalecem sem inclusão educacional e a redução dos domínios da língua húngara elevam o risco da sua extinção. Por fim, os resultados alcançados demonstram a necessidade da cooficialização brasileira, a promoção e a revitalização da língua, e a cooperação das comunidades húngaro-brasileiras, utilizando-se principalmente de um robusto sistema educativo.

**Palavras-chave:** húngaro, manutenção da língua de herança, Brasil, política linguística.

## Introdução

A relação entre os húngaros e o Brasil remonta ao descobrimento do país, quando cientistas húngaros (entre eles padres jesuítas, cartógrafos, biólogos e cientistas) chegaram com os primeiros exploradores para ajudar a descobrir e registrar as especificidades naturais do Brasil e a espalhar o cristianismo. (SZABÓ, 1982, p.17-20). Isso é indicado, por exemplo, pelo nome toponímico visto nos primeiros mapas<sup>3</sup>, como o

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Multilinguismo pela Universidade de Pannonia, Veszprém, Hungria. Bacharele e mestre em Antropologia cultural pela Universidade de Miskolc, Hungria. Mestre em Gerenciamento Eletrônico Governamental pela Universidade de Pannonia, Veszprém, Hungria. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa dos Estudos Húngaros da USP, São Paulo, Brasil. Aluna de mestrado em Estudos Húngaros e em ensino de húngaro como língua estrangeira, Universidade de Pécs, Hungria. E-mail: timea.thomazy@gmail.com.

<sup>2</sup> (CENOZ e GORTER, 2012; FISHMAN, 1972b)

<sup>3</sup> Plans on the east coast of Brazil [Southern entrance to Lagoa dos Patos]. London: 1920 e nova edição 1951.

rio "*la húngara*", no estado do Rio Grande do Sul (nome posterior: Lagoa dos Patos) (SZABÓ, 1982, p.30; TORBÁGYI, 2009, p.11).

Os húngaros vieram de um país que se tornou um reino cristão em 1000 a.C na Europa Central, mas após a Primeira Guerra Mundial, certas áreas (dois terços) do Reino Húngaro foram tomadas a força por outros países, conseqüentemente, o húngaro também é falado nos países vizinhos. A população da Hungria, em 2019, era de aproximadamente 9,77 milhões (EURYDICE, 2021), mas, além disso, cerca 2 milhões de falantes de húngaro vivem nos países vizinhos.

A língua húngara é uma língua única na Europa porque existe há mais de mil anos em meio às línguas germânicas, neolatinas e eslavas. O húngaro (originalmente chamado de *Magyar* [pronunciado: magiar]) “é membro do grupo fino-úgrico da família das línguas Uralicas e pertence ao ramo úgrico do fino-úgrico, junto com as línguas ob-úgricas, mansi e khanty, que são faladas na Sibéria ocidental”. (ENCYCLOPEDIA Britânica, 2021 – tradução do autor)

As primeiras famílias húngaras começaram a chegar ao Brasil, a partir da década de 1820 (SZABÓ, 1982; TORBÁGYI, 2004, 2007, 2009), em várias ondas de imigração. A maior onda de imigração aconteceu após a Primeira Guerra Mundial, quando muitos húngaros se encontraram no outro lado da fronteira devido ao Tratado de Trianon. A última grande onda da série de imigrações húngaras ocorreu entre 1956-57, após a revolução anticomunista fracassada. Depois disso, apenas um número insignificante de húngaros se estabeleceram no Brasil.

Não há estatísticas sobre o número exato de húngaros morando no Brasil, por causa dos passaportes com diferentes origens, em decorrência da Primeira Guerra Mundial mas, segundo o Consulado Húngaro de São Paulo, o número estimado é de 100 mil imigrantes e seus descendentes, (JORNAL DA GAZETA, 2018). No entanto, o *Délamerikai Magyar Hírlap* (DMH – Periódico Húngaro da América do Sul), em 1933 (ZIMMERMANN), “estimou o número de imigrantes húngaros no Brasil em 150 mil”. Contudo, depois da década de 1930, ocorreram duas grandes ondas populacionais húngaras em suas comunidades fortalecendo sua propagação. Assim, apesar das restrições do período do Estado Novo, a língua húngara foi preservada no Brasil.

O caráter único da temática da manutenção da língua húngara no Brasil, motivou o estabelecimento de uma pesquisa de doutorado em 2017. Os fatores determinantes da relevância dessa pesquisa foram os seguintes: (a) as tentativas das comunidades húngaras para manter a língua de herança viva e compensar o processo de transição para a língua dominante, também conhecido como substituição linguística; (b) o apoio do governo húngaro (programas culturais e educacionais e auxílio financeiro e jurídico – cidadania facilitada para os descendentes); além disso, (c) a carência de publicações e de pesquisas científicas sobre as línguas minoritárias brasileiras, que enfatizem o tema específico da língua húngara. Durante as várias fases da pesquisa de campo estabelecida, o trabalho evoluiu na obtenção dos dados, o que proporcionou a elaboração deste artigo.

A hipótese é que, se as comunidades húngaras no Brasil não estabelecerem o processo de cooficialização, possibilitado pelo Decreto Federal No. 7.387 de 2010<sup>4</sup>, a língua húngara não estará protegida como uma língua minoritária no Brasil, não sendo possível sua inserção no ensino regular e em outros domínios que prestigiem o uso da língua. Consequentemente, a língua de herança não poderá ser mantida, o que causará o desaparecimento da língua húngara no Brasil.

O estudo adota a seguinte metodologia: (1) análise de recursos literários, (2) questionário online e (3) entrevistas semiestruturadas com especialistas (professores de ensino da língua húngara e líderes das comunidades húngaras) e com imigrantes húngaros e descendentes húngaros da 2<sup>a</sup> a 5<sup>a</sup> geração.

O artigo está organizado em quatro partes: (1) Panorama histórico com fundamentação teórica em relação a minoria estudada, (2) métodos e resultados da pesquisa, (3) discussão sobre análise dos os resultados do levantamento dos dados das entrevistas e do questionário, (4) considerações finais.

O propósito do nosso estudo é chamar a atenção de pesquisadores das línguas minoritárias brasileiras e dos líderes estaduais na Hungria para a importância de preservar a língua de herança nas comunidades húngaras, cuja existência remonta há quase 200 anos no Brasil. Além disso, busca favorecer a consciência linguística das comunidades húngaras e o reconhecimento do valor da língua de herança, enaltecendo a importância da cooperação ativa, de um trabalho conjunto e esperançosamente frutífero.

---

<sup>4</sup> que possibilita a preservação das línguas minoritárias no Brasil e oferece possibilidade de reconhecimento, não unicamente para as línguas indígenas, mas também para as línguas de imigração estabelecidas há mais de três gerações no país.

## Húngaros no Brasil: Panorama histórico

Visualizando o período histórico com foco predominante de sua correlação específica com a língua húngara no Brasil. Situamos de forma concisa, porém importante, no contexto histórico para o entendimento cronológico na busca da preservação da língua minoritária e a necessidade de um suporte institucional, a partir de um quadro teórico.

A definição da *Língua minoritária* por Stavans e Hoffmann (2012, p. 265-308) nos conta como a língua é usada por um grupo subordinado ou culturalmente inferior em relação a *Língua dominante* ou socioeconomicamente mais valorizada de um país, sendo a *língua oficial* geralmente definida pelo governo (no Brasil o Português e a Língua de SINAIS), salvo exceções, como a língua dominante do país. As línguas minoritárias poderiam ser separadas para *Línguas Autóctones* definidas por autores teóricos:

Normalmente, eles se estabelecem em uma determinada área onde viveram por um período considerável. Sua língua e cultura fazem parte do patrimônio de toda a nação. O direito hereditário, de maneira especial pode ser reivindicado com base no princípio da territorialidade e da igualdade linguística (STAVANS e HOFFMANN 2012, p. 265-308. – tradução do autor).

As Línguas Não-Autóctones faladas pelas pessoas que são imigrantes e que formaram uma comunidade reconhecida. Em termos de uso público, a língua do imigrante e a língua minoritária foram substituídas por alternativas tanto como a língua de herança que é mais usada na América. A língua de herança é geralmente ensinada na família e/ou na comunidade (STAVANS e HOFFMANN 2012, p. 265-308).

Vários monges jesuítas húngaros viveram no Brasil do século XVIII, contribuindo para o registro das línguas das comunidades indígenas, onde prestavam seus serviços (BABARCZI, 2013; SZABÓ, 1982, p.41-92).

A partir de 1818, ocorreram várias etapas de imigração húngara para o Brasil. Usando as principais referenciais econômicas e políticas que causaram grandes mudanças na Hungria, construímos uma lista descritiva das ondas de imigração húngara. O período anterior não foi incluído, porque as famílias húngaras começaram a imigrar ao Brasil somente depois.

*O primeiro período da imigração húngara*, conteve número não muito alto de trabalhadores qualificados (cientistas, engenheiros), soldados e camponeses, que

chegaram junto com os agricultores alemães, além dos trabalhadores autônomos e comerciantes. Por volta de 1820, 50 famílias húngaras chegaram a *Jaguari (RS)*, onde fundaram uma associação chamada *Confraria de leitura Sándor Petőfi*<sup>5</sup> (BOGLÁR, 1996, p.18). Engenheiros de mineração e mineiros húngaros (HOLMAN, 1835. p.307.) foram para o estado de Minas Gerais, durante o reinado do imperador D. Pedro II (BEDE e LAMPERT, 1983, p. 45; BENKE et al., 1996, p. 274), e se estabeleceram em Belo Horizonte.

A partir de 1846, antes mesmo da promulgação do Decreto sobre a Abolição do Comércio de Escravos (1850), empresas de recrutamento de colonos agrícolas europeus começaram a se formar para compensar a escassez de mão de obra nas plantações de café. O esquema de parceria destinava-se a atrair agricultores europeus para a província de São Paulo. (KOVÁCS, 1993, p. 138) A partir de 1860, vários países europeus criaram proibições, romperam relações diplomáticas, a fim de restringir migrações e coibir o grande deslocamento de seus cidadãos. Como resultado, os agentes continuaram a recrutar agricultores, mas na Europa Oriental. A partir de 1876, a província de São Paulo regulou a atividade das empresas de recrutamento e abriu acomodação para imigrantes, facilitando assim a imigração. (KOVÁCS, 1993, p. 138)

Muitos refugiados políticos húngaros chegaram ao Brasil após a queda da Revolução Húngara e da Guerra da Independência, em 1848-1849 (TORBÁGYI, 2004, p. 36), e se estabeleceram no país, incluindo Campo Grande (MG). Uma das consequências dessa onda de imigração foi uma revista literária e política húngara, chamada "Kossuth", publicada em 1868<sup>6</sup>, permanecendo durante alguns anos em Recife, PE. (PONGRÁCZ, 1998. P.39)

*O segundo período da imigração húngara* iniciou-se na década de 1870, foi a primeira maior imigração em massa para o Brasil, nesse período, agentes (falando húngaro) apareceram em algumas partes do país e atraíram aldeias húngaras inteiras na esperança de um futuro melhor. Essas famílias vieram para o Rio Grande do Sul e Santa Catarina e fixaram-se em fazendas, formando alguns núcleos coloniais em Santo Antônio

---

<sup>5</sup> Petőfi foi um poeta húngaro e revolucionário liberal. Ele é considerado o poeta nacional da Hungria e foi uma das figuras-chave da Revolução Húngara de 1848.

<sup>6</sup> Nome dado em homenagem a "Lajos Kossuth", estadista do Reino Húngaro, uma das maiores figuras na luta nacional húngara pela independência do Império Austríaco.

da Patrulha<sup>7</sup> (RG), Joinville e Canta Galo (SC), além da *Jaraguá do Sul*<sup>8</sup> (SC), onde, por volta de 1900, estabeleceram uma associação austro-húngara. Para cultivar as relações, construíram uma escola húngara, onde, além do português (L2), os alunos também podiam estudar alemão (L3). No Estado de Santa Catarina, a primeira associação exclusivamente húngara foi estabelecida na cidade de *Canta Galo*, em 1900, onde foram criados programas culturais e de literatura húngara. Eles fundaram uma escola húngara em nível básico de ensino, em que a língua de ensino era o húngaro e os alunos húngaros também aprendiam português (L2) e alemão (L3). Além disso os húngaros também tinham uma escola bilíngue (húngaro-alemão) só para meninas de ensino secundário; uma Associação Funerária Húngara também funcionava em 1906. (BOOGLÁR, 1996, p.19). Em Curitiba (PR), também funcionava uma *Sociedade Filantrópica Austro-Húngara*, no ano de 1900, que cuidava dos imigrantes ao chegarem do Império Austro-Húngaro. Segundo Prutsch (2014: 4), inclusive na cidade do Rio de Janeiro essas *Associações Benéficas Austro-Húngaras* foram as precursoras da vida social húngara, tendo seus diretores unicamente húngaros sem nem um austríaco compondo a diretoria. (BOGLÁR, 1996, p.20).

Quadro 1 – As ondas da imigração húngara

I.	de 1818 até 1860	Nobres húngaros, cientistas, engenheiros, comerciantes e outros trabalhadores autônomos, camponeses, soldados e refugiados políticos da Guerra da independência de 1848-49.
II.	de 1870 até 1913	Principalmente agricultores; engenheiros e cientistas
III.	de 1919 até o final de 1928	A maior onda, que incluiu pessoas fugindo da crise econômica (residentes urbanos, trabalhadores, artesãos), e refugiados políticos do pós-guerra mundial, camponeses, húngaros que deixaram os territórios tirados do Reino da Hungria (2/3 do território do país) e refugiados das leis judaicas cada vez mais rígidas.
IV.	de 1947 até 1954	Fabricantes e artesãos resgatando as suas propriedades das nacionalizações de 1945-52, refugiados judeus pós-Segunda Guerra Mundial (muitos deles foram imigrantes ilegais) e refugiados políticos que fogem da ocupação soviética.
V.	1956-57	Refugiados políticos e jovens intelectuais fugindo da retaliação pela guerra de independência.
VI.	1989- até os dias atuais	Desde a mudança de regime socialista, em pequenos números, mas principalmente uma classe de intelectuais migrou para o Brasil.

Fonte: elaborado pelo autor

Na publicação de Thirrig, encontramos cálculos estatísticos sobre os húngaros que emigraram para o Brasil, entre 1886 e 1900, a estimativa é de 12.000, o autor aponta que a emigração aumentou no começo do século 20 (THIRRING, 1904, p.90; 375). Em

<sup>7</sup> 250 famílias (BOGLAR-KOVÁCS, 1999, p.39.)

<sup>8</sup> mais de 700 pessoas (BOGLAR-KOVÁCS, 1999, p.76-79.)

1896, foi feita uma tentativa de conter a imigração para o Brasil, através das restrições do Decreto Circular BM nº 86.032 de 1896, que foi seguido por vários outros (BM, 1897/10 p. 225). Segundo os dados do consulado imperial e real do Império Austro-Húngaro, 22.500 húngaros moraram no Estado de São Paulo em 1912 (BOGLÁR, 1996, p.21).

*O terceiro período da imigração húngara* foi a maior fase, essa etapa aconteceu depois da 1ª Guerra Mundial, por pessoas que deixaram os territórios tirados do Reino da Hungria. Fabricantes de grande e pequeno porte, refugiados políticos, trabalhadores, comerciantes e intelectuais autônomos que se instalaram nas grandes cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre. A primeira associação húngara em São Paulo foi fundada apenas no início de 1921, *Brazíliai Magyar Kör* (Confraria Húngara do Brasil), mantendo contato com os húngaros que viviam em diferentes partes do país (HORVÁTH, 1943, p.156). As Colônias húngaras se estabeleceram no interior de Estado de São Paulo, em 1924, e a Colônia Bocskay-telep e Colônia Bethlen-telep, no Paraná, em 1934.

O número estimado de imigrantes húngaros no Brasil, “em 1933, é de 150.000 pessoas, segundo do *Délamerikai Magyar Hírlap* (DMH – Periódico Húngaro da América do Sul)”. Não podemos esquecer que, depois da época de 1930, ocorreram mais duas grandes etapas de imigração dos húngaros, fortalecendo ainda mais a língua húngara nas comunidades.

As escolas húngaras foram construídas em todos os distritos húngaros<sup>9</sup> e no ano de 1930, em São Paulo, funcionavam 12 escolas básicas bilíngues e, além dessas, havia também um jardim de infância húngaro, uma creche infantil, um treinamento noturno para formação em pedagogia do jardim de infância e escola de música húngara<sup>10</sup>.

As comunidades húngaras, junto com as igrejas, criaram um conselho escolar, que supervisionava todas as escolas húngaras no Brasil. O currículo das escolas húngaras era, em geral, igual ao currículo brasileiro. No final do 4º grau, os alunos húngaros precisavam fazer um exame final para uma comissão oficial brasileira para a obtenção do

---

<sup>9</sup> como Mooca, Villa Anastácio em 1927; Pompeia, Ipiranga, Colônia Árpád em 1928; Ipojuca, Pirituba em 1929; Frequência do O' e Colônia Rei Santo Estêvão em 1931; Santo André em 1936; Colônia Mathias Rei, anteriormente Abençoado da Virgem Maria e nas duas Colônias húngaras do Paraná (perto de Londrina) escolas e igrejas foram criadas em 1937 e em 1940. Não podemos esquecer as duas escolas básicas de SC: em Jaraguá do Sul e em Canta Galo e a escola secundária para meninas na mesma cidade.

<sup>10</sup> Escola de música Berlich Rudolf (1925), rua Mooca 431. (HORVÁTH, 1943, p.159 – tradução do autor)

diploma brasileiro e, assim, poderiam fazer o ingresso no ensino médio ou nas escolas profissionais brasileiras. (HORVÁTH, 1943, p.157). E os tipos de uso das línguas na escola podem ser divididos em cinco categorias, segundo Cenoz e Gorter (2012, p. 187). Em relação à manutenção das línguas minoritárias, é fundamental qual tipo de categoria o governo anfitrião permite ou suporta:

- Nenhum ensino de línguas minoritárias acontece;
- A língua minoritária é ensinada como uma disciplina e a língua dominante, como o meio de instrução;
- Tanto a língua dominante como a língua minoritária funcionam como o meio de instrução;
- A língua minoritária funciona como meio de instrução e a língua dominante é ensinada como uma disciplina e
- O quinto a língua minoritária funciona como meio de instrução e a língua dominante do país não é ensinada.

A categoria mais frequente, onde a língua minoritária é ensinada em horas reduzidas, se configura como uso meramente acessório da língua minoritária na educação, “funcionando apenas como estímulo à assimilação e não como salvaguarda da língua”. (CENOZ e GORTER, 2012, p. 187).

A “Era de ouro” das comunidades húngaras no Brasil foi claramente caracterizada por uma vida minoritária ativa em quase todos os domínios de uso da língua, tais como: 14 jornais e revistas húngaras estabelecidas, livros publicados<sup>11</sup> em húngaro por editoras húngaras, rádio húngara<sup>12</sup>, clubes esportivos e de lazer, teatro<sup>13</sup>, 12 igrejas<sup>14</sup> (falando a língua materna em todos os distritos húngaros), Associação Beneficente (1926), agência de emprego, advogados, assistência médica privada, ambiente húngaro de trabalho, escolas húngaras – bilíngues, Comitê Húngaro de Supervisão Escolar, Universidade Livre em húngaro.

Os efeitos da Segunda Guerra Mundial foram sentidos em 1938, e as restrições haviam começado no Brasil. A operação de estrangeiros era regulamentada, e os jornais húngaros foram encerrados em 1941. Apenas as associações brasileiras podiam continuar operando e muitas húngaras pararam de funcionar. Em 1938, as escolas húngaras foram

---

<sup>11</sup> Dicionários e livros de gramática, poesias, literatura e história húngara do Brasil. (MAGYAR, 1938; KÖGL, 1992; BOGLÁR, 1996)

<sup>12</sup> Rádio Húngara de Domingo na Rádio Cultura, desde 1939 (locutor de rádio: Nicolaus Szedő [em húngaro: Miklós Szedő])

<sup>13</sup> Cabaré com frequentes peças húngaras de teatro, operetas, concertos de música clássica e apresentações de corais em SP, por dez companhias de teatro voluntárias (BOGLÁR, 1996, p.21.)

<sup>14</sup> Comunidade Católica do Rei Santo Estevão (SP). A Igreja Cristã Reformada húngara em: Colônia Arpad (SP); Colônia Bocskay-telep (PA) e Colônia Bethlen-telep (PA); Lapa (SP). Igreja Batista Húngara Colônia Arpad (SP), Lapa (SP). Igreja Judaica Húngara (SP).

nacionalizadas e o meio de ensino foi mudado para 100% português (HORVÁTH, 1943, p. 158), os professores húngaros precisaram passar por um exame de proficiência de ensino na língua portuguesa, para que pudessem continuar trabalhando 100% em português. Eles passaram também pela supervisão contínua de brasileiros, com objetivo de que não ensinassem nada fora do currículo educacional prescrito na época, além de dirigirem as escolas cumprindo estritamente as leis escolares brasileiras vigentes.

A população brasileira era de diversas nacionalidades, entre elas os imigrantes, os afro-brasileiros e os índios brasileiros. Então, o objetivo da política nacionalista de Vargas era unificar essa diversidade, através de uma estratégia de cima para baixo (abordagem top-down), e construir uma nação unida em uma base linguística.

As conseqüentes mudanças políticas neste período ocasionaram também a suspensão, pelo período de 1943 a 1961, das relações diplomáticas entre o Brasil e a Hungria. (BATÓNÉ, 1989, p. 20). Essas estratégias políticas causaram grave diminuição do uso das línguas minoritárias, se estendendo por um longo período.

A teoria dos *domínios de uso da língua*, de Joshua Fishman (1972b), é uma ferramenta para mostrar como a vida multicultural, que mostra uma variedade de usos da língua, (em casa e com amigos, na religião, na educação, no lazer e alguns serviços governamentais) e que pode ser representada dependendo das línguas locais das comunidades, bem como da escolha e do repertório linguístico dos membros do grupo. Essa análise qualitativa expressa a vitalidade de uma língua minoritária, que também poderia ser caracterizada pelo papel da *transmissão intergeracional da língua*. (FISHMAN, 1991) Essa escala (GIDS) têm 8 graus, onde o grau 1º representa a categoria segura ou vital, como uma língua nacional e/ou oficial e o grau 8º, representa as línguas ameaçadas, quando a língua é falada apenas pelos idosos. Quando uma língua perde as funções na sociedade minoritária (não sobe na escala) a substituição linguística (*language shift*) acontece.

Os graus intermediários mostram a gradação das funções da língua na sociedade, à medida que cresce na escala. Segundo Fishman (1991), a língua de herança é completamente perdida na maioria das famílias minoritárias em três gerações. Nesse sentido, se uma língua não é mais usada fluentemente por todas as gerações, uma questão importante é: em qual geração ainda é usada proficientemente, na geração dos pais, dos avós, dos bisavós ou em nenhuma? Naquelas famílias de 4º ou 5ª geração, onde a língua

minoritária é usada principalmente como uma língua de herança, significa que ela retém uma função de identificação com essa etnia associada à língua húngara, mas não é usada mais em todos os domínios.

*O quarto período da imigração húngara* começou logo depois da Segunda Guerra mundial, entre 1947 e 1954, incluindo intelectuais, fabricantes de grande e pequena escala tentando resgatar as suas propriedades das nacionalizações de 1945-52, sobreviventes de campos de extermínio e refugiados políticos que fogem da ocupação soviética. No ano de 1948, das doze escolas húngaras, somente duas (Mooca e Vila Anastácio) ainda funcionavam em São Paulo. Contudo, os recém-chegados padres beneditinos húngaros abriram o Colégio Santo Américo, em 1951, e reorganizaram o escotismo húngaro. A comunidade húngara começou a se organizar criando associações como a Sociedade Cultural Brasil-Hungria (SP) em 1950, com um presidente brasileiro (KÖGL, 1992, p. 25-28.). Contudo, o ensino da língua húngara, de forma institucional, não conseguiu durar muitas décadas, os descendentes húngaros tiveram menos oportunidades de aprender.

*O quinto período da imigração húngara* aconteceu entre 1956-57, quando os refugiados políticos, principalmente jovens intelectuais, precisaram fugir da retaliação pela guerra da independência. Essa foi a última maior onda de imigração húngara. As atividades dos grupos de juventude também estavam se fortalecendo, por isso, no ano de 1957 (KÖGL, 1992, p. 45.), já existiam vários grupos de dança húngara, onde as danças e as canções folclóricas eram aprendidas em consonância com a cultura húngara.

O último *período da imigração húngara* começou depois da mudança do regime socialista (1989) na Hungria. A classe de intelectuais (engenheiros, professores) começou a migrar tanto para os países do oeste europeu, EUA, Austrália e para as maiores cidades da América do Sul, entre elas São Paulo, Rio de Janeiro ou Fortaleza. O número desses imigrantes, comparado com as ondas anteriores, foi pequeno.

Nas últimas décadas, as comunidades minoritárias do Brasil estão tentando manter sua língua e sua cultura, se confrontando com a substituição linguística e apenas algumas comunidades foram capazes de alcançar um nível de revitalização linguística. A realidade multilíngue do Brasil existia apenas nos bastidores, mas o Censo de 2010 confirmou que o Brasil é um país multilíngue. A partir dos dados do IBGE, estima-se que atualmente existam 274 línguas indígenas e 56 línguas de imigração, categoria que inclui

a língua húngara. O resultado do Censo promoveu a realização do Decreto N° 7.387, de 9 de dezembro de 2010, que instituiu o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL)<sup>15</sup>, como o instrumento oficial de reconhecimento das línguas minoritárias faladas na sociedade brasileira. O processo começou em 2002 no Brasil (MORELLO, 2012, p.33) e, até 2021, o número das línguas cooficializadas aumentou para 11 línguas<sup>16</sup> (MORELLO, 2021). Com relação aos efeitos de reconhecimento oficial das línguas minoritárias, Claudia Soria, linguista italiana, fez um estudo comparativo sobre as línguas da Itália, analisando o impacto das políticas linguísticas entre duas línguas com status de reconhecimento oficial<sup>17</sup> e outras duas línguas, que também são classificadas em risco de sua extinção<sup>18</sup>, mas não receberam proteção oficial (SORIA, 2015, p.123). Os dados da pesquisa mostraram que as taxas de transmissão intergeracional e os números de falantes continuaram baixos, mas a diferença significativa apareceu na consciência e nas atitudes linguísticas em nível nacional, gerando efeitos positivos na vitalidade das línguas. Consequentemente, Soria considera que a falta de reconhecimento oficial pode acelerar ativamente a substituição linguística (2015, p.136-137).

Após sofrer um grande enfraquecimento do socialismo no Leste Europeu, em 1989 a Hungria começou a socorrer às comunidades húngaras no exterior. Inicialmente, apenas apoiava as comunidades minoritárias húngaras que viviam nos países vizinhos, posteriormente o governo húngaro quis dar apoio às comunidades húngaras estabelecidas em países distantes (diáspora húngara), por isso, criou programas educacionais<sup>19</sup> e culturais para apoiar a manutenção da língua e da cultura de herança. A Assembleia Nacional aprovou a Lei de Cidadania Dupla No. 5925/2010, que permitia aos húngaros no exterior solicitar a cidadania húngara de forma simplificada, independentemente de morarem dentro ou fora da Bacia dos Cárpatos. O processo facilitado aumentou o status da língua húngara no Brasil, pois possibilitou a obtenção de um Passaporte da União

---

<sup>15</sup> O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) realiza a salvaguarda dos bens imateriais (identificando, documentando, reconhecendo e valorizando-os).

<sup>16</sup> Além destas existem 13 línguas indígenas em 10 municípios e 6 línguas de imigração em 55 municípios.

<sup>17</sup> 12 línguas regionais e minoritárias em perigo receberam apoio institucional na Itália em 1999.

<sup>18</sup> Pela UNESCO e pelo Ethnologue.

<sup>19</sup> Mencionados apenas alguns os programas e bolsas mais essenciais: (1) *Bolsa Stipendium Hungaricum*, disponível para estrangeiros para cursos completos (BA, MA e PhD). (2) *Cursos preparatórios da língua húngara* ou de estudos húngaros, com duração de 2 semestres. (3) *Programa Rákóczi que é um programa de curta duração*. Programas para comunidades húngaras do exterior: (1) *Programa de Kőrösi Csoma Sándor* (desde 2013). por 6/9 meses O governo húngaro envia bolsistas jovens húngaros para ajudar nas comunidades do exterior, principalmente organizando eventos culturais, ensinando tradições culturais húngaras e ensinando a língua de herança.

Europeia e isso influenciou positivamente a atitude dos descendentes, no sentido de estudarem a língua, já que é exigência desse processo que seja realizada uma entrevista em húngaro.

### **Métodos e resultados**

O presente estudo usou uma abordagem mista (quantitativa e qualitativa) para coleta de dados. A pesquisa foi realizada a partir de um levantamento de opinião (formulário eletrônico) que incluiu 32 perguntas fechadas de múltipla escolha e foi estruturado na plataforma de SurveyMonkey<sup>20</sup>. O Link do questionário foi compartilhado pelo Consulado Húngaro de São Paulo e preenchido por 245 pessoas de origem húngara morando no Brasil. A 1ª Etapa aconteceu entre maio e agosto de 2019 e a 2ª Etapa entre dezembro e março de 2020. O processo mediu a vitalidade etnolinguística, incluiu perguntas também sobre o repertório linguístico dos membros das comunidades húngaras e sobre o nível de transmissão intergeracional húngara do Brasil. O questionário mapeou o uso da língua de herança (domínios) também.

Para obter os resultados qualitativos acerca da problematização apresentada, uma pesquisa bibliográfica (dados secundários) possibilitou juntar e usá-la como fonte de comparações sobre a manutenção histográfica, além das entrevistas semiestruturadas, sobre o ensino da língua húngara no Brasil. Os dados das entrevistas foram coletados durante a pesquisa de campo que foi realizada em duas etapas; a 1ª Etapa da pesquisa foi realizada entre maio e agosto de 2019 nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Nova Friburgo, e a 2ª Etapa entre dezembro e março de 2020 somente no Rio de Janeiro. A partir do método de entrevistas com especialistas, 15 entrevistas qualitativas (em formato de mp3 e vídeo) foram realizadas com professores da área de ensino da língua húngara, e líderes das comunidades húngaras. A escolha desses participantes foi realizada a partir da compreensão de que esses professores e líderes são capazes de fornecer informações importantes sobre o ensino da língua húngara e sobre a realidade do uso da língua húngara no Brasil. O método qualitativo incluiu também outras 23 entrevistas com imigrantes húngaros e descendentes de 2ª – 5ª geração sobre os aspectos subjetivos da manutenção da língua húngara. A metodologia usada para a seleção dos entrevistados foi a bola de neve (Snowball).

---

<sup>20</sup> [www.surveymonkey.com](http://www.surveymonkey.com)

## Discussão

Esta etapa corresponde à fase de discussão e análise dos resultados da nossa pesquisa quantitativa e qualitativa. Identificamos as localidades de ocorrência da língua húngara no Brasil usando os dados do questionário da pesquisa que ilustram claramente que: 74% dos húngaros que preencheram o questionário moram em São Paulo, 10% no Rio de Janeiro, 4% em Santa Catarina, 2% em Minas Gerais, 2,5% Paraná e 7,5% são divididos em outras localidades.

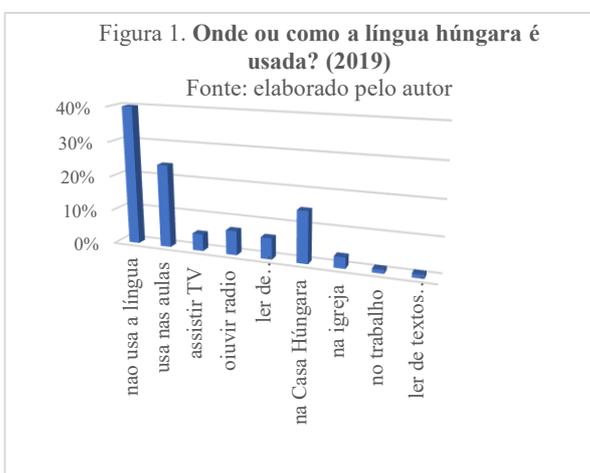
Os resultados mostram que 24% dos húngaros e seus descendentes aprenderam a língua húngara como língua materna (L1), 74% aprenderam português, 2% alemão ou outra língua como língua materna. Unicamente 10% dos questionados foram alfabetizados em húngaro, 85% em português, 2% em alemão e 4% em outra língua. O repertório linguístico mostra que 47% dos questionados falam a língua húngara como segunda língua (L2) e 88% falam inglês também. As outras línguas faladas pelos questionados são: 19% de alemão, 6% de italiano, 45% de espanhol e 19% falam outra língua. A quantidade baixa da alfabetização da língua húngara mostrou que as crianças das comunidades húngaras tiveram poucas chances de aprenderem a língua de herança de uma maneira institucionalizada nas últimas décadas, então a chance de se tornarem adultos bilíngues equiparados também diminuiu, diferente do período antes da Segunda Guerra Mundial, quando a alfabetização era fornecida no Brasil pelas escolas húngaras onde haviam os estudos bilíngues.

As crianças aprendiam a língua também em casa e na escola. A transmissão das línguas minoritárias (FISHMAN; 1991, 2001) entre as gerações ocorreram nas comunidades húngaras, porque nos bairros húngaros a língua podia ser adquirida. Podemos considerar que a língua das comunidades húngaras antes da Segunda Guerra Mundial estava no grau 2º na escala de GIDS, confirmando que a língua minoritária estava sendo usada em uma grande variedade de funções na sociedade, diminuindo assim um risco a língua e dando a ela uma estabilidade (menor grau de risco) e prática contínua.

Os resultados do questionário mostram que unicamente 7% dos questionados usam a língua húngara em casa com os filhos, 18% usam ou usaram na casa dos seus pais e 68% na casa dos avós. A língua portuguesa domina a transmissão intergeracional com 52% do uso em casa, considerando que 45% dos questionados não possuem filhos. Como

afirmado pelos questionados, 80% usam a língua portuguesa e 7% a língua alemã na casa de seus pais. Portanto, vemos a partir dos dados coletados que, a transmissão intergeracional diminuiu e por isso a língua húngara chegou ao grau 7º, quando “a interação cultural do idioma envolve principalmente uma geração mais velha da comunidade.” (CENOZ e GORTER, 2012, p. 189.) Um exemplo geral para esse grau ocorre quando os avós ensinam às crianças os fundamentos da língua de herança húngara.

Analisando os resultados do survey, podemos concluir que adaptando a ferramenta teórica do Fishman (1972b) a “Era de Ouro” das colônias húngaras significou a preservação da língua de herança húngara, porque de um total de 5 domínios eram usados de 4 a saber: (1) família e amigos, (2) igreja, (3) lazer: noites literárias, teatro, corais húngaros, clubes de xadrez e esportivos, restaurantes, jornais e publicações de livros húngaros, (4) escolas, (5) serviços governamentais: parcialmente porque a língua húngara não era usada oficialmente para a administração pública, mas os húngaros poderiam usar serviços como assistência médica (médicos húngaros), representação legal em húngaro, agência de emprego, além de estabelecimentos comerciais húngaros em bairros tipicamente húngaros. Comparando o uso da língua húngara no período e no tempo atual, poderemos perceber que a língua húngara é transmitida cada vez menos entre



as gerações. O uso atual da língua foi reduzido e 64% dos questionados já não usam a língua diariamente e unicamente 24% usa a língua húngara nas aulas de ensino extracurricular. Podemos observar a substituição linguística (language shift) da língua húngara pelo português nas comunicações diárias.

Consideramos que predominantemente a língua húngara se desenvolve dentro de um domínio único: (1) de famílias e amigos onde 5% usam para assistir televisão húngara, 7% para ouvir rádio húngara, 6% para ler livros ou jornais húngaros e 3% nas igrejas. Unicamente 15% usam a língua para comunicação na Casa Húngara de São Paulo entre amigos e 1% usa também no trabalho ou para ler textos de cunho profissional. Consideramos que os benefícios da globalização como internet e canais de televisão ao vivo, jornais, livros

disponíveis em formato eletrônico e páginas online, aumentou as possibilidades individuais da revitalização linguística, mas não compensam o efeito das restrições dos anos de 1940 da ditadura militar, que causou a ocorrência drástica na língua que perdeu as funções na sociedade minoritária e a substituição linguística (*language shift*). A língua de herança ficou restrita ao domínio de famílias e amigos, assim, o impacto do período mencionado acima, marcou o enfraquecimento na vitalidade da língua húngara no Brasil.

A política linguística pode apoiar as línguas minoritárias em detrimento da língua majoritária ou vice-versa, seguir uma política estritamente unificadora e monolíngue ou causar um efeito contrário de apoiar a diversidade linguística e o bilinguismo estável em relação às línguas minoritárias. Analisando os tipos de uso das línguas nas escolas húngaras, poderíamos considerar que as primeiras escolas no Sul<sup>21</sup> (SC e RS), usaram o padrão IV, em que a língua húngara era o meio de instrução e o português era a língua dominante do país sendo uma disciplina (L2) junto com o alemão (L3). As escolas da terceira onda<sup>22</sup> já usavam o padrão III, onde tanto a língua minoritária quanto a dominante eram usadas. Essa forma é a mais apropriada para educar crianças bilíngues, que dominam as duas línguas com boa proficiência. Após 1938 e até 1942, as escolas húngaras usavam o padrão II, em que a língua minoritária era uma disciplina, já no começo das restrições do Estado Novo precisaram mudar o currículo para padrão II, em que a língua minoritária não era unicamente uma disciplina.

Após 1942, percebe-se majoritariamente o padrão monolíngue I<sup>23</sup>, em que nenhuma língua minoritária era ensinada. A política monolíngue enfraqueceu as línguas minoritárias e causou a substituição linguística em várias línguas imigrantes, incluindo o húngaro. As menores comunidades húngaras desapareceram e perderam a língua permanentemente, mas o fato é que as maiores cidades receberam mais duas grandes ondas de imigração húngara, e assim o estado da língua melhorou. Nessas cidades, os húngaros conseguiram criar algumas associações novas e especialmente nas últimas décadas receberam apoios do governo húngaro, o que ajudou no processo de manutenção cultural e linguística. Vale ressaltar a necessidade de acompanhamento da vitalidade das comunidades húngaras, analisando as formas de ensino da língua na atualidade.

---

<sup>21</sup> Os húngaros da segunda onda de imigração.

<sup>22</sup> Depois da 1ª Guerra Mundial.

<sup>23</sup> O currículo e a língua de instrução foram designados pela nova liderança das escolas húngaras.

Com base nos dados das entrevistas, conseguimos criar uma planilha (quadro 2) que resume os dados do ensino da língua húngara em 2019. O ensino institucional extracurricular (cursos semanais ou cursos de fim de semana) foram distribuídos em sete institutos.

O ensino da língua húngara começou na Casa Húngara de São Paulo em 2005, para preparar os bolsistas para os cursos de língua húngara ou de estudos húngaros (programa Balassi: um ano acadêmico na Hungria), mas depois de 2010 os números de interessados aumentaram, porque muitos descendentes húngaros que não tiveram a oportunidade de aprender a língua em casa queriam se preparar para a entrevista do processo facilitado de naturalização húngara. Os professores da língua húngara criaram um livro didático para ajudar o ensino, mas no ano de 2015, começaram a usar o novo livro didático de ensino MagyarOK<sup>24</sup> da “língua húngara como língua estrangeira” (MID – Magyar mint Idegen Nyelv). No ano de 2015, dois bolsistas húngaros da Hungria (programa Körösi) foram mandados para as comunidades húngaras de São Paulo (SP) e de Jaraguá do Sul (SC) para ajudarem organizar eventos húngaros e ensinar a língua húngara. Assim uma das comunidades mais antigas como Jaraguá do Sul, onde a primeira escola húngara de Santo Estevão abriu em 1900, pode receber o primeiro professor de língua húngara depois de muitos anos de déficit. No mesmo ano, uma Fundação húngara (PADA – Pallas Athéné Domus Animae Alapítvány) que possibilitou a criação dos livros didáticos da serie MagyarOK começou a financiar um professor com um programa de ensino da língua húngara na Universidade de São Paulo (USP), com a cooperação da Universidade de Pécs da Hungria, tanto para os alunos da universidade como para os descendentes húngaros, onde “em 2015 foram 140 alunos matriculados, em 2016 foram 160” (KÓBORI, 2019, p. 9).

Quadro 2 – Ensino da língua húngara no Brasil (2019)

Instituição	Estado	Ensino húngaro desde	nível de língua	Currículo / Livro didático	Temática da língua húngara	Nº. Prof.	Financiado por	Nº aprox. estudantes no ano de 2019
Casa Húngara	SP	2005	5	próprio + MagyarOK	língua	6	Governo húngaro + aluno	100

<sup>24</sup> o vocabulário do livro é baseado em pesquisas corpus linguísticas e a metodologia aplicada baseada em modelos (Modell Based Methodology).

<b>Escoteiros húngaros</b>	SP	1945	2	próprio	Língua história cultura + e	0	aluno	30
<b>USP</b>	SP	2015	5	MagyarOK	Língua história cultura + e	1	Fundação húngara (PADA)	100
<b>UECE</b>	CE	2017	2	dado não está disponível	Língua história cultura + e	1	Fundação húngara (PADA)	50
<b>UP e UFPR<sup>74</sup></b>	PA	2017	2	dado não está disponível	Língua história cultura + e	1	Consulado Honorário da Hungria e estudantes	50
<b>Jaraguá do Sul</b>	SC	2015	1	MagyarOK + alternativo	Língua história cultura + e	1	Governo Húngaro (Programa Körösi)	150
<b>Professor particular (off-line / online)</b>	(RJ e SP)	Variável	0-C2	variável	personalizada	14	aluno	200

Fonte: elaborado pelo autor

No ano 2017 o programa incluiu a Universidade Estadual do Ceará (UCE) com a cooperação da Universidade ELTE, da Hungria. O ensino da língua húngara começou em 2017 na cidade de Curitiba dentro da Universidade Positivo (UP) e da Universidade Federal do Paraná (UFPA) com a cooperação da Universidade de ELTE, Hungria.

Além das mencionados instituições, as crianças húngaras tiveram a possibilidade de aprender e praticar a língua húngara desde 1945 nos eventos de escoteiros húngaros (SP e RJ).

Os professores entrevistados mencionaram que 50-60% dos alunos começaram a aprender a língua húngara por causa da entrevista do processo de naturalização, mas pelo menos 30% desses alunos continuam a aprendizagem depois de receberem a cidadania húngara. Os entrevistados húngaros da 2<sup>a</sup> a 5<sup>a</sup> geração mencionaram a entrevista de cidadania como motivo primário para aprender a língua, dentre estes outros citaram o interesse pela sua língua de herança, por entenderem que a língua é importante parte da cultura húngara e que simplesmente gostam da língua húngara e por essa razão, continuam aprendendo, poucas pessoas disseram que os seus avós ou os seus pais queriam que eles aprendessem a língua húngara. Podemos declarar que o número crescente dos estudantes húngaros (anualmente quase 700 estudantes) é promissor, mas, de acordo com Cenoz e Gorter (2012: 188), as horas de ensino extracurricular são insuficientes para a manutenção da língua minoritária.

## Considerações finais

Nesta publicação, tivemos a oportunidade de levantar algumas questões-chave, portanto destacamos os seguintes elementos: a concentração geográfica dos húngaros, os domínios de uso da língua húngara, os meios de transmissão da língua húngara e o desenvolvimento atual do ensino da língua húngara.

Com este estudo, foi possível constatar que a maior concentração dos húngaros (70%) está em São Paulo. Consideramos que, desde a Segunda Guerra Mundial, os domínios de uso e a transmissão da língua húngara diminuíram fortemente nas comunidades húngaras do Brasil e a vitalidade das comunidades húngaras não conseguiu voltar a um estado estável. Nesse sentido, o tipo e o nível do ensino da língua húngara não são suficientes para manter a língua minoritária, conseqüentemente, em longo prazo, a falta de ensino bilíngue pode ocasionar a diminuição da sobrevivência da língua húngara, gerando o risco de sua extinção.

Concluimos conforme a hipótese levantada no início desse artigo que, por meio deste trabalho, a fim de reverter a gradual substituição linguística nas comunidades húngaras, o processo de cooficialização brasileiro, através do reconhecimento oficial, pode aumentar o status da língua húngara. Essa ação deve potencializar, tanto a evolução da consciência e as atitudes linguísticas, quanto o uso (domínios) da língua húngara, promovendo a manutenção e a vitalidade da língua protegida. Além disso, as comunidades húngaras deveriam realizar ações junto aos governos e criar programas capazes de revitalizar a língua húngara no Brasil.

## Referências

BABARCZI Dóra. Magyar jezsuiták Braziliában 1753–1760. Doktori értekezés. In: ANDERLE Ádám (Szerk.) *SZTE Bölcsészettudományi Kar Történettudományi Doktori Iskola Modernkori Történeti Program PhD értekezések Sorozat*. Szeged: SZTE. 2013. Disponível em: [https://dtk.tankonyvtar.hu/xmlui/bitstream/handle/123456789/6581/babarczi\\_dora\\_4.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://dtk.tankonyvtar.hu/xmlui/bitstream/handle/123456789/6581/babarczi_dora_4.pdf?sequence=1&isAllowed=y) Acesso: setembro de 2019.

BATONÉ, Kaczur Ágnes. Brazíliai magyarság a két világháború között 1920-1941. Doktori értekezés. In: ANDERLE Ádám (Szerk.) *SZTE Bölcsészettudományi Kar Történettudományi Doktori Iskola Modernkori Történeti Program PhD értekezések Sorozat*. Szeged: SZTE. 1989. Disponível em: [http://doktori.bibl.u-szeged.hu/id/eprint/5806/1/1989\\_batone\\_kaczur\\_agnes.pdf](http://doktori.bibl.u-szeged.hu/id/eprint/5806/1/1989_batone_kaczur_agnes.pdf) Acesso: setembro de 2019.

BEDE, Béla - LAMPERT, Márta. *Brazília. Panoráma útikönyvek*. Budapest: Medicina, 1983.

BENKE, István; BIRCHER, Erzsébet; FALLER, Dr. Gusztáv; KUN, Dr. Béla (Szerk.). *A magyar bányászat évezredek története*. Budapest: Országos Magyar Bányászati és Kohászati Egyesület. 1996.

BOGLÁR, Id. Lajos. *Magyar Világ Brazíliában. A múlt századtól 1942-ig*. Budapest: Magánkiadás. 1996.

BOGLAR, Lajos – KOVÁCS, Katalin. *Magyar hagyományalkotás Brazíliában*. Budapest: MTA Politikai Tudományok Intézete Etnoregionális Kutatóközpont, 1999. Disponível em: <https://mek.oszk.hu/10700/10733/10733.htm> Acesso: setembro de 2019.

FISHMAN, Joshua A. *Language in Sociocultural Change*. (Language Science and National Development). Redwood: Stanford University Press. 1972.

FISHMAN, Joshua A. *Reversing language shift: Theoretical and empirical foundations of assistance to threatened languages*. Clevedon (England) & Philadelphia: Multilingual Matters, 1991

GORTER, Durk - CENOZ, Jasone. Regional Minorities, Education and Language Revitalization. In: Marilyn Martin-Jones, Adrian Blackledge, and Angela Creese (Eds.) *The Routledge Handbook of Multilingualism*. New York: Routledge, 2012. pp. 184 -198. DOI: 10.1002/tesq.108

HOLMAN, Lieutenant. Voyage Round the World. In: *Journal of the Royal Geographical Society of London*. No. 5. London: Royal Geographical Society. 1835. p. 307.

HORVÁTH, Anzelm. A brazíliai magyarság. In: ORTUTAY, Gyula (Szerk.): *Magyarságtudomány*. No.2. Budapest: Magyarságtudományi Intézet és a Franklin-Társulat kiadása. 1943. p. 150-161. Disponível em: [https://edit.elte.hu/xmlui/bitstream/handle/10831/34427/Magyarsagtudomany\\_1943\\_II\\_Horvath\\_Anzelm.pdf](https://edit.elte.hu/xmlui/bitstream/handle/10831/34427/Magyarsagtudomany_1943_II_Horvath_Anzelm.pdf) Acesso: abril de 2019.

KÓBORI, Sarolta. Apresentação. In: KÓBORI, Sarolta; DEÁK, Máté; VIZENTIN, Marilena; HARGITAI, Evelin Gabriella (Orgs.). *A Presença Húngara no Brasil – Anais das I e II Conferências sobre a Presença Húngara no Brasil*. Pécs: Publikon, 2017. Disponível em: [https://www.academia.edu/34251227/A\\_Presen%C3%A7a\\_H%C3%BAngara\\_no\\_Brasil\\_Magyarok\\_Braz%C3%ADli%C3%A1ban](https://www.academia.edu/34251227/A_Presen%C3%A7a_H%C3%BAngara_no_Brasil_Magyarok_Braz%C3%ADli%C3%A1ban) Acesso: setembro de 2019.

KÖGL, Dr. J. Szeverin O.S.B. *Magyarok Brazíliában*. São Paulo: Könyves Kálmán Szabadegyetem. 1992.

KOVÁCS, Antónia. Bevándorlási Politika – bevándorlási kisebbségek Brazíliában. *Regio*. Kisebbség, politika, társadalom. Vol. 4. No. 4. Budapest: 1993. p. 137-162.

Disponível em: <http://www.epa.hu/00000/00036/00016/pdf/09.pdf> Acesso: setembro de 2019.

MAGYAR, Lajos. *Brazíliai Magyarok. Vázlatok a brazíliai magyar élet kialakulásáról a Magyarok II. Világkongresszusára.* São Paulo: 1938.

MORELLO, Rosângela. Uma política pública e participativa para as línguas brasileiras: sobre a regulamentação e a implicação do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL). *Gragoatá*. No. 32, 1. sem. Niterói: 2012 p. 31-41. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33030> Acesso: setembro de 2020

MORELLO, Rosângela. Lista de línguas cooficiais em municípios brasileiros. *IPOLE*. Florianópolis: 2021. Disponível em: <http://ipole.org.br/lista-de-linguas-cooficiais-em-municipios-brasileiros/> Acesso: março de 2021.

PONGRÁCZ, Attila. Hungarika-kutatás São Paulóban. In: *MTA – JATE Hispanisztika Kutatócsoport Kutatási Közlemények I.* Szeged: JATE. 1998. p.39.

PRUTSCH, Ursula. Migrantes na periferia: indígenas, europeus e japoneses no Paraná durante as primeiras décadas do século XX. *História, Ciências, Saúde*. Rio de Janeiro: 2014. p. 4. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/R6X4YV8cZL7rDmCvSjdcjXp/?lang=pt&format=pdf> Acesso: fevereiro de 2020.

SORIA, Claudia. Assessing the effect of official recognition on the vitality of minority and regional languages: a case study from Italy. In: JONES, Mari C. (ed.). *Policy and Planning for Endangered Languages*, Cambridge: Cambridge University Press, p. 123-137, 2015

STAVANS, Anat and HOFFMANN, Charlotte, *Multilingualism*. Cambridge, Cambridge University Press, 2015.

SZABÓ, László. *Magyar múlt Dél-Amerikában (1519-1900)*. Budapest: Európa. 1982.

THIRRING, Dr. Gusztáv. *A magyarországi kivándorlás és a külföldi magyarság*. Budapest: Kilián Frigyes magy.Kir. Nyomda. 1904.

TORBÁGYI, Péter. *Magyarok Latin-Amerikában*. Budapest: Magyar Nyelv és Kultúra Nemzetközi Társasága. 2004.

TORBÁGYI, Péter. Magyar kivándorlás Latin-Amerikába az első világháború előtt. In: ANDERLE, Ádám (Szerk.). *Szegedi Tudományegyetem Történettudományi Doktori Iskola Modernkori Program Sorozat*. Szeged: Szegedi Tudományegyetem „Hispán világ története” PhD-program. 2009. Disponível em: <http://mek.niif.hu/07500/07571/07571.pdf> Acesso: maio de 2019.

ZIMMERMANN, Sándor (Szerk.). *Délamerikai Magyar Hírlap*. DMH. [Periódico Húngaro da América do Sul] No 15 de junho. DMH. São Paulo: 1933.

### **Dicionários e Enciclopédias:**

AVISON, Margaret et all. Hungarian language. In: AUGUSTYN, Adam (Eds.) *Encyclopedia Britannica online*. 2021. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Hungarian-language> Acesso em: 24 de maio de 2021.

MAGYAR ÉRTÉKTÁR. A magyar huszár. In: *Hungarikumok Gyűjteménye*. Disponível em: <http://www.hungarikum.hu/hu/content/magyar-husz%C3%A1r-0> Acesso em: 24 de maio de 2021.

### **Documentos eletrônicos**

EURYDICE. Magyarország: A népesség - demográfiai helyzet, nyelvek, vallások. In: *National Policies Platform*. European Commission website. European Commission. 2021. Acesso: 24 de março de 2021. Disponível em: [https://eacea.ec.europa.eu/national-policies/eurydice/content/population-demographic-situation-languages-and-religions-35\\_hu](https://eacea.ec.europa.eu/national-policies/eurydice/content/population-demographic-situation-languages-and-religions-35_hu) Acesso em: 24 de maio de 2021.

JORNAL DA GAZETA. O grupo de dança folclórica Pántlika está celebrando seu 50º aniversário no Museu dos Emigrantes. *Notícias. Jornal da Gazeta Online*. São Paulo, 24 de outubro de 2018 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gq7AMejrKFY> Acesso em: 24 de agosto de 2019.

### **Legislação**

BRASIL. IPHAN. Decreto Federal Decreto nº. 7.387/2010 institui o Inventário Nacional da Diversidade Lingüística (INDL). Brasília: 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/decreto/d7387.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7387.htm) Acesso: 19 de outubro de 2010.

HUNGRIA: *Belügyminisztériumi Közlöny*, No. 1897/10. BM. Budapest:2010. p.225

HUNGRIA. The Hungarian Parliament. *The Hungarian Citizenship Law (altered)*. [Lei de Cidadania Dupla No. 5925/2010 sobre o processo facilitado da Cidadania Húngara] Budapest: May 26, 2010. Disponível em: [https://www.legislationline.org/download/id/5925/file/Hungary\\_Citizenship\\_act\\_2012\\_en.pdf](https://www.legislationline.org/download/id/5925/file/Hungary_Citizenship_act_2012_en.pdf) Acesso: 19 de outubro de 2019.

## **PAST – PRESENT – FUTURE? MAINTENANCE OF THE HUNGARIAN LANGUAGE IN BRAZIL**

### **ABSTRACT**

This article aims at presenting the actions for the maintenance of the Hungarian language and its history in Brazil. The applied methodological pillar for the minority group's vitality<sup>25</sup> and their distinguishing factors was extensive bibliographic research, quantitative and qualitative analysis with a vitality questionnaire and interviews. The formulated hypothesis was, that minority language does not prevail without inclusion and the reduction of the Hungarian language domains increases the risk of its extinction. Finally, the results demonstrate the need for the Brazilian official recognition, for which the promotion and revitalization of the language, and cooperation of the Hungarian-Brazilian communities.

**Keywords:** Hungarian, heritage language maintenance, Brazil, language policy.

Recebido em 08/06/2021.

Aprovado em 30/08/2021.

---

<sup>25</sup> (CENOZ and GORTER, 2012; FISHMAN, 1972b)